IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

"LÚDICO, MÁGICO, FÔLEGO, BÁLSAMO, LÍQUIDO": OS CORPOS DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Eixo Temático: 19 - Infâncias, gênero e sexualidades: resistências possíveis em tempos de retrocessos

Cláudia Maria Ribeiro [1]

RESUMO

O artigo problematiza alguns materiais empíricos decorrentes da pesquisa: Políticas de Educação Infantil nos municípios integrantes do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil: realidades e perspectivas, aprovada pela Fundação de Apoio a Pesquisa em Minas Gerais – FAPEMIG[2]. Os materiais empíricos advêm de observações nas instituições de Educação Infantil nos municípios integrantes da pesquisa. No decorrer das observações foram elaborados vídeos do cotidiano das crianças e educadoras que serão problematizados neste texto. O referencial teórico apresenta a poética de Bachelard, as concepções de Foucault e os conceitos de Sociologia da Infância. Surfamos pela música *Eu sou do mar* de Armandinho para entrelaçar e entretecer as cenas dos vídeos.

Palavras-chave: Infâncias, Processos Educativos, Corpo, Ludicidade, Movimento.

"Lúdico, mágico, fôlego, bálsamo, líquido": explicações pertinentes

A música que escolhemos para entrelaçar o material empírico da pesquisa em tela – "Eu sou do mar" de Armandinho[3] traz as possibilidades de problematização dos corpos das crianças em Instituições de Educação Infantil. As cinco palavras deste subtítulo nos instigam a apresentar o referencial teórico que nos apaixona desde há muito. Comecemos com a palavra líquido. Ela potencializará nossos pensares sobre o imaginário das águas.

---

[1] Doutora em Educação pela Univesidade Estadual de Campinas. Professora Titular Aposentada da Universidade Federal de Lavras – UFLA, ribeiro@ufla.br
[2] Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da UFLA.
[3] Canção de Armandinho. Participação Vitor Isensec. 2015.

Comecemos com Michel Foucault (2002) que faz-nos pensar que a “desrazão, ela, foi aquática, desde o fundo dos tempos (...) e, mais precisamente, oceânica” (p. 205). A música “Eu sou do mar” faz-nos mergulhar nos movimentos, nas transformações das águas, na simbologia do mar – “símbolo da dinâmica da vida (...) lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1998, p. 592).

Também potencializa nossos estudos o referencial teórico de Gaston Bachelard que buscou fazer não apenas a "psicanálise do conhecimento objetivo" como também a "psicanálise dos elementos" – terra, ar, água e fogo. Especialmente mergulhamos em sua obra intitulada A Água e os Sonhos – ensaio de estética literária, em que a maioria dos exemplos são tirados da poesia e da mitologia, objetivando determinar a substância das imagens poéticas (BACHELARD, 1989).

Haja coragem... haja fôlego para imprimir as transformações necessárias nas metodologias de atividades com as crianças na Educação Infantil. A outra palavra deste subtítulo que acionamos é então a palavra fôlego que, o dicionário de símbolos indica “sopro” que “tem, universalmente, o sentido de um princípio da vida” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1998, p. 850).

Retornamos à Foucault quando diz que a desrazão foi aquática e imprimimos a mesma explicação quando acionamos, deste subtítulo, a palavra mágico – que não possui explicação racional. E sim algo maravilhoso, encantador, fascinante, deslumbrante, surpreendente, extraordinário, excepcional, fabuloso, fantástico, admirável, esplêndido, estupendo, envolvente, cativante, sedutor.

Paradoxal pensarmos o que fazer na Educação Infantil pois lidamos com o Enigma da Infância (LARROSA, 1999). Algumas perguntas emergem a partir dessas concepções: “qual a medida da nossa responsabilidade?” (LARROSA, 1999, p. 186). O que fazer para que a criança tenha a sua voz respeitada na radicalidade de sua diferença? Esse mesmo autor diz que a infância, “além de qualquer tentativa de captura, questiona o poder de nossas práticas” (p. 184). Outra pergunta: por que é tão difícil lidar com a alteridade da infância? Com que intencionalidade educadores e educadoras, que atuam nas instituições de Educação Infantil, elaboram as atividades a serem desenvolvidas com as crianças, para fazerem emergir suas vozes?

A concepção de que a infância é um outro "aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas" (LARROSA, 1999, p. 184).

Todo este referencial teórico seria um bálsamo para elaborarmos as atividades para as crianças – um alento para o seu cotidiano.

E, finalmente, uma das palavras deste subtítulo: "lúdico". Este é o princípio norteador quando se trata da educação de crianças pequenas – esta é a sua atividade. Conforme já dissemos, a partir das ideias de Larrosa (1999) as crianças sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil afirma que

> Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhes são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos (BRASIL, 1998, p. 21-22).

Nas cenas que se seguem fervilham as interações. Optei por selecionar os vídeos que foram produzidos[4], relatá-los e problematizá-los.

"Não adianta eu sou do mar. É ele que me faz cantar": os movimentos

A simbologia do mar anuncia o que pretendo problematizar: os corpos das crianças nas instituições de Educação Infantil. O mar simboliza "um estado transitório entre as possibilidades ainda informes as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, de indecisão, e que pode se concluir bem ou mal" (CHEVALIER e GHEERBRANDT, 1998, p. 592). Quais as possibilidades experienciadas pelas crianças que são advindas de incertezas, dúvidas e indecisões quanto ao que propor às crianças para que seus corpos se movimentem. Márcia Buss Simão, Francisco Emílio de Medeiros, Ana Márcia Silva, João Josué da Silva Filho (2010) refletem sobre a concepção de corpo e infância e ressaltam o referencial da Sociologia da Infância e as práticas pedagógicas daí decorrentes:

> Entendemos que a ação educativa carrega consigo uma fortíssima dimensão interventiva, mesmo quando não temos consciência disso. Significa que educadores alinhados com propostas político pedagógicas emancipatórias necessitam manter constante vigilância política e epistêmica sobre suas ações. Exercitar, com perseverança e sensibilidade, uma profunda reflexão em torno

[4] Vídeos produzidos pela jornalista, especialista em educação pela Universidade Federal de Lavras–UFLA. Assessora de comunicação da pesquisa. mariatatinharibeiro@gmail.com

> das questões que atravessam as diferenças de classe, de gênero, de etnia, de nacionalidade, de religião e de geração (p. 158).

Desafiador inserir na prática educativa da Educação Infantil as diferenças apontadas pelas autoras e autores. Onde está a intencionalidade advinda de processos formativos docentes para que as atividades sejam elaboradas? Se a Sociologia da Infância traz a possibilidade de reconhecer as crianças como sujeitos falantes, a pergunta que inunda esta reflexão é: por que a fala da criança sobre gênero e sexualidade, na maioria das vezes, não é intencionalmente integrante dos processos educativos do cotidiano das crianças na Educação Infantil?

Nos vídeos que consistem em um dos materiais empíricos decorrentes da pesquisa em tela, os corpos das crianças movimentam-se pelos espaços das instituições que constituem-se em agências promotoras de interações sociais. Conforme dito anteriormente descrevo cada vídeo escolhido para ser problematizado. Mas antes afirmo, com uma alegria imensa, que as cenas que estão gravadas nestes vídeos estão repletas da participação das crianças, de sua efusividade e da importância da intencionalidade das educadoras no planejamento das atividades.

Nosso procedimento será o seguinte: descreveremos os vídeos e, após cada um deles, propositalmente escritos em fontes diferentes, será feita a problematização.

O espaço é externo. Um parquinho com balanços, gira-gira, pula-pula, casinha de alvenaria repleta de brinquedos. As crianças saem do espaço da sala de atividades e têm a liberdade de correr, rodar, exercitar o corpo, pular, pular muito! Sempre com a presença da educadora. Neste parquinho as meninas embalam uma boneca no balanço e os meninos estão no pula-pula. Outras crianças descobrem as possibilidades dos brinquedos que há na casinha pequena com portas e janelas. Um menino sai de lá com um carrinho nas mãos e a menina com um bonequinho. As crianças exploraram os brinquedos e criaram brincadeiras em constante interação e aprendizados.

Esse espaço, devidamente planejado para que as crianças – “sujeitos sociais ativos, com autonomia e criatividade liberados do adultocentrismo, senhores de si mesmos, de sua história, modificando seu campo de viver, construindo uma nova cultura infantil” (ARROYO e SILVA, 2012, p. 9) experimentem na interação com o espaço e com as outras crianças. Produzam saberes!

O questionamento é por que a menina continua com a boneca e o menino com o carrinho? O que fazer para que as crianças construam outra história em relação a valores, a conhecimentos que estão impregnando nossa cultura? Perguntas gerando outras perguntas e, entrelaçando-as, às temáticas de gênero e sexualidade. Para tanto, conceitos fundamentais precisam ser trazidos à tona: concepção de infância, poder, saber, resistências que borbulham no conceito de gênero e sexualidade.

Constantina Xavier Filha (2009. p. 35) diz que "o gênero é utilizado como categoria analítica e como componente da constituição identitária dos sujeitos. O próprio conceito traz implícita a ideia de relação e a construção dos gêneros envolve o corpo, indicando, sobretudo, corpos sexuados". As crianças brincando no parquinho estão se constituindo por "múltiplas instâncias e relações sociais de poder, que se materializam em diversas instituições, símbolos e discursos marcados pelo gênero que o emprega". (XAVIER FILHA, 2009, p. 36). As crianças, também ali, naquele momento, estão se constituindo como masculino ou feminino "arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e estar no mundo" (Idem).

A instituição de Educação Infantil contrata um professor para desenvolver atividades para que as crianças possam mexer o corpo. A atividade é denominada 'aula de Educação Física'. Há um circuito montado pelo professor no pátio da escola. Há diferentes materiais: bambolês em diferentes configurações e cones deitados. Enquanto uma criança faz o circuito proposto pelo professor, outras crianças estão em situação de espera para realizarem o referido circuito.

Este espaço para as crianças, geralmente assumido por um homem, tem feito muita diferença na vida delas na Educação Infantil possibilitando diferentes movimentos, afetividade e interação com vários objetos e pessoas. Intencionalmente coordena brincadeiras e possibilita muita diversão. A legislação, ou seja, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) diz, no capítulo 2, parágrafo 3º: "a educação física integrada à proposta pedagógica da escola, é componente obrigatório na Educação Básica" (BRASIL, 1996).

Seguindo o fluxo das perguntas, neste texto, a que me ocorre agora é: qual a formação os/as profissionais que atuam nas instituições de Educação Infantil tiveram para atuar com o "movimento"? Por que o nome da atividade é "aula de Educação Física"? Por que o modelo

escolarizante? Será que o/a profissional que atua com a Educação Física está em estreito contato com a professora ou com o professor da turma para planejar, monitorar e avaliar um espaço tão fértil para o desenvolvimento das crianças?

Será que a atividade proposta aqui no registro do vídeo poderia ser conduzida de maneira diferente, ou seja, as crianças ficam assistindo a outra criança fazer o circuito até chegar a sua vez de fazê-lo?

O desafio para que as crianças passem pelo circuito repercute diferentemente nas crianças. Elas têm seu tempo de ação/reação ao realizarem o circuito. O professor está atento e auxilia quando necessário. Em um vídeo, a criança não tem nenhuma dificuldade para passar os obstáculos, já no outro, a criança precisa de ajuda para conseguir completá-lo.

As perguntas continuam as mesmas e há um componente a mais: a dificuldade de uma das crianças para realizar um circuito com diferentes materiais. Isso demandaria a atenção do professor de Educação Física, que dá toda a atenção para apoiar a criança em suas dificuldades, e da professora da turma para que as atividades propiciem o desenvolvimento da criança, no momento da Educação Física e fora dela. Por isso a importância da ação pedagógica da Educação Física e as outras áreas do conhecimento que compõem o currículo.

"Só entre no mar se você sabe a força divina que ele tem": considerações sem um final!

As professoras mergulharam nos movimentos do mar e, no ir e vir das ondas, propiciaram muitas atividades para o movimento do corpo das crianças. Despertaram sensibilidade, raciocínio lógico, a expressão corporal e tantos outros aspectos do desenvolvimento das crianças.

O material empírico da pesquisa é muito vasto e problematizar todos os vídeos não seria possível pelo número de caracteres exigidos para este texto. Assim, deixamos de discutir o vídeo com crianças sentadas em círculo e cada uma com uma folha de papel nas mãos,

concentradas tentando seguir o ritmo que a professora imprime em sua marcação. Cantam seguindo a música que está tocando.

Em outro vídeo temos um varal no pátio da instituição de Educação Infantil. Vários objetos dependurados: bexigas, papel cortado em tiras, garrafas pet com água colorida, de várias cores, tampa de panela. Meninos e meninas brincando lado a lado; correndo, explorando os vários materiais, extraindo-lhes as propriedades – som, cor, forma, textura. Usam as mãos, os pés, a visão. Muitos gritinhos expressando alegria. Professora potencializando a interação criança/objetos.

Nestes relatos encontramos os campos de experiência explicitados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que são: 1. O eu, o outro e o nós; 2. Corpo, gestos e movimentos; 3. Traços, sons, cores e formas; 4. Escuta, fala, pensamento e imaginação; 5. Espaços, tempos, quantidades e transformações que deveriam transversalizar gênero e sexualidade cuja matriz é o corpo da criança vivenciando suas experiências:

> Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se progressivamente, conscientes dessa corporeidade (BNCC, 2017. p. 40, 41).

Uma última pergunta: por que, em todas estas experiências, não há a consciência de que gênero e sexualidade transversalizam as atividades? Repito sempre: enfim... não tem fim!

Referências

ARROYO, Miguel G. e SILVA, Maurício Roberto da. Corpo-infância; exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BACHELARD, GASTON. A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Coleção Tópicos.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.1.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394/1996.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. 2017.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. RJ: José. Olympio, 1998.

FOUCAULT, Michel. Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Organização e Seleção de textos: Manoel Barros da Motta. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. Coleção Ditos & Escritos I.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. IN: LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SIMÃO, Márcia Buss, MEDEIROS, Francisco Emílio, SILVA, Ana Márcia e FILHO, João Josué da Silva. Corpo e Infância: natureza e cultura. In: Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 26, 03 p. 151 – 168, dez. 2010.

XAVIER FILHA, Constantina (Org.) Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009.